

## 2 Sonho e Psicanálise: no rastro do inconsciente

*Que ao Édipo e ao Hamlet caberia a mesma interpretação que ao sonho.*

Paul Ricoeur

Sonhos, fantasias, delírios, sintomas neuróticos, lapsos, chistes, mitos e a arte poética. O que todas essas manifestações teriam em comum? De uma forma ou de outra, elas dão vazão à expressão do inconsciente. O inconsciente é algo que não conhecemos mas que somos capazes de inferir. O que não pode ser dito está expresso – trata-se de um “mal de arquivo”. A linguagem é o lugar do ocultamento. A estrutura constrói-se sobre a falha.

De caráter mais geral e introdutório, este ensaio buscará apontar as características que aproximam as formações do inconsciente e o lugar mais específico da arte poética nesse conjunto. Partiremos da teoria freudiana da interpretação dos sonhos e sua importância na instauração de um pensamento genuinamente psicanalítico para tentar compreender a extensão do alcance da psicanálise a outros campos do conhecimento, e sua aplicação particular do ponto de vista da ciência da estética e da teoria narrativa, nos termos de uma “econômica do desejo”.

### 2.1. A importância dos sonhos para a psicanálise

“Dediquei um volume publicado em 1900 ao importante tema da interpretação de sonhos e tive a satisfação de ver as teorias nele apresentadas serem confirmadas e ampliadas por contribuições de quase todos os estudiosos do campo da psicanálise. Há uma concordância geral no sentido de que a interpretação de sonhos é a pedra fundamental da obra psicanalítica e que suas descobertas constituem a mais importante contribuição da psicanálise à psicologia.”<sup>7</sup> (1913)

---

<sup>7</sup> FREUD, S. *O interesse científico da psicanálise*.

“Este livro... contém, ainda de acordo com meu julgamento atual, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Um *insight* como este acontece a alguém apenas uma vez na vida.”<sup>8</sup> (1911)

*A interpretação dos sonhos* (*Die Traumdeutung*, 1900) pode ser considerada a grande obra inaugural da Psicanálise, quando a problemática freudiana dá uma guinada que propriamente instaura o discurso psicanalítico. Neste ponto, a psicanálise rompe com o referencial neurológico e articula-se com a linguagem – a explicação neurológica cede lugar a uma decifração de sentido, que vincula o desejo e a linguagem. *A interpretação dos sonhos* teve importância central na descoberta do inconsciente e na descrição dos processos envolvidos na produção de sua principal manifestação: o sonho. O termo “inconsciente”, antes de Freud, era empregado de forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente, mas nunca antes para designar um sistema psíquico distinto dos demais e dotado de atividade própria. Ao dar sentido aos sonhos, a psicanálise iluminou os recantos mais ocultos da mente humana.

“Pode-se afirmar com segurança que o estudo psicanalítico dos sonhos nos deu nossa primeira compreensão (*insight*) de uma ‘psicologia profunda’, cuja existência até então não fora suspeitada.”<sup>9</sup>

Os elementos que tornaram possível este *insight* já vinham se insinuando há algum tempo para Freud, desde *Sobre as afasias*, passando pelo *Projeto de 1895* e a *Carta 52* a Fliess. O primeiro desses elementos é a afirmação de que os sonhos possuem um sentido e são passíveis de serem interpretados através de uma técnica científica. O segundo elemento importante é a afirmação de que **“o sonho nada mais é que uma realização de desejo.”** Mas o terceiro elemento, que confere a esta última afirmação um valor decisivo dentro da teoria psicanalítica, é a afirmação complementar de que esse desejo é um desejo inconsciente. Esta última foi uma das descobertas mais importantes de Freud e lhe foi sugerida pelo sonho da “injeção de Irma”, sonhado por ele próprio e paradigma da análise freudiana – nesse momento, Freud cristaliza o seu método de interpretação, que consiste em separar o sonho em fragmentos e aplicar-lhes a técnica de livre associação. Apesar do interesse de Freud nos sonhos ter surgido como uma extensão de suas investigações clínicas, o

<sup>8</sup> FREUD, S. Prólogo à terceira edição inglesa de *A interpretação dos sonhos*.

<sup>9</sup> FREUD, S. *O interesse científico da psicanálise*.

material principal para o seu livro veio não de sua prática terapêutica, mas de sua auto-análise e da análise de seus próprios sonhos, no contexto do falecimento ainda recente de seu pai em 1896.

Os sonhos têm a única função de manter o sono – “Os sonhos são os guardiães do sono”<sup>10</sup> –, e realizam essa tarefa representando um desejo como realizado de uma maneira alucinatória. Há sonhos que são realizações indisfarçadas de desejos. “Mas, nos casos em que a realização de desejo é irreconhecível, em que é disfarçada, deve ter havido alguma inclinação para se erguer uma defesa contra o desejo; e, graças a essa defesa, o desejo é incapaz de se expressar, a não ser de forma distorcida.”<sup>11</sup>

Todo o material que compõe o conteúdo do sonho procede de nossas experiências. Os sonhos são feitos de restos diurnos, impressões fragmentárias da vida de vigília que, entretanto, só alcançam representação no sonho ao associarem-se a desejos oníricos recalçados. Assim, passado, presente e futuro combinam-se na produção do sonho: um desejo que encontrou realização no passado é reavivado por uma impressão do presente ou passado recente e atualiza-se ao projetar-se em uma realização futura. São revolucionárias as implicações do modo como passado, presente e futuro estão conectados e são atravessados pelo desejo na decodificação do sonho. A análise freudiana dos sonhos abstem-se de uma narrativa cronológica tradicional em favor de uma relação temporal sempre dinâmica. Tanto o passado quanto o futuro estão presentes na própria idéia da “realização” (o futuro) de um desejo (pre-histórico). E Freud termina seu livro com exatamente esta fórmula: “Ao retratarem nossos desejos como realizados, os sonhos decerto nos transportam para o futuro. Mas esse futuro, que o sonhador representa como presente, foi moldado por seu desejo indestrutível à imagem e semelhança do passado.”<sup>12</sup>

Entretanto, se os sonhos são realizações de desejos, como se podem explicar os sonhos desagradáveis, sonhos que provocam ansiedade e que podem levar ao despertar? Por que Freud insistiria na tese da realização dos desejos com tanta convicção, apesar de toda a evidência em contrário? O historiador e filósofo britânico John Forrester, em introdução à tradução da *Traumdeutung* para o inglês, acredita que encontrar a resposta adequada para essa pergunta pode ajudar a chegar

---

<sup>10</sup> FREUD, S. *Totem e tabu*, p. 108.

<sup>11</sup> FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 176.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 645.

ao âmago do livro. Ocorre que o inconsciente lida apenas com os desejos. E por que? O argumento é surpreendentemente poderoso e direto, diz Forrester: porque o modo privilegiado de operação da mente é o desejo; apenas os desejos podem fazer girar a engrenagem que chamamos de pensamento. Nas condições do sono, apenas um desejo pode ser poderoso o bastante para estimular a mente e, assim, produzir sonhos.

A fórmula da realização dos desejos parece muito simples e muito sedutora, mas é uma fórmula complexa. A própria idéia de realização e a noção de desejo são muito complexas em Freud, e indicariam a via de todo um caminho conceitual. O termo “realização” já merece ser objeto de uma investigação por si. Em português, o conceito acaba por ancorar-se no real, enquanto produção de realidade e, portanto, talvez fosse mais bem traduzido por “cumprimento”.

### 2.1.1. Elaboração onírica: desejo e distorção

“A psicanálise eleva a condição dos sonhos à de atos psíquicos possuidores de sentido e intenção e com um lugar na vida mental do indivíduo, apesar de sua estranheza, incoerência e absurdo.”<sup>13</sup>

A psicanálise demonstrou que todos os sonhos têm um significado e que sua estranheza se deve a distorções na expressão desse significado. **“Sua aparência absurda é deliberada e exprime zombaria, ridículo e contradição. Sua incoerência é uma questão de indiferença para com a interpretação.”**<sup>14</sup>

A *elaboração onírica*, ou o “trabalho do sonho”, é responsável pela deformação que torna os pensamentos oníricos irreconhecíveis no conteúdo manifesto do sonho. Os sonhos inscrevem-se em dois registros: o que corresponde ao sonho lembrado e relatado pelo sonhador, a que Freud dá o nome de *conteúdo manifesto do sonho*; e um outro registro oculto, inconsciente, que se pretende

<sup>13</sup> FREUD, S. *Totem e tabu*.

<sup>14</sup> Ibidem.

· “O nonsense, o absurdo, que aparece com tanta frequência nos sonhos, condenando-os a desprezo tão imerecido, nunca ocorre por acaso através da mesclagem dos elementos ideacionais, podendo sempre demonstrar sua admissão intencional pela elaboração onírica, cabendo-lhes representar nos pensamentos oníricos a crítica amargurada e a contradição desdenhosa. Assim o absurdo no conteúdo dos sonhos assume o lugar do julgamento ‘isto é apenas nonsense’ nos pensamentos oníricos.” (FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, p. 165.)

atingir pela interpretação, a que ele chama de *pensamentos oníricos latentes*. A esse trabalho<sup>15</sup> de distorção, que transforma os pensamentos latentes em conteúdo manifesto, Freud chama de *elaboração onírica*, ou “trabalho do sonho”; e o trabalho inverso, que procura chegar ao conteúdo latente partindo do manifesto, e que visa decifrar a elaboração onírica, é o trabalho de *interpretação*. Encontrar o sentido de um sonho é percorrer o caminho que leva do conteúdo manifesto aos pensamentos latentes. E enquanto o trabalho do sonho transforma pensamentos em imagens, o trabalho de interpretação devolve às imagens a forma de discurso simbólico.

É a elaboração onírica que constitui propriamente o sonho, e não o conteúdo manifesto ou os pensamentos latentes – aquilo que nos surpreende no sonho provem da elaboração onírica. O trabalho do sonho não pensa, não é uma força criadora, mas apenas transformadora do conteúdo latente que são os pensamentos do sonho. A elaboração onírica é o nome de toda a soma de processos transformadores que convertem os pensamentos oníricos latentes em sonho manifesto. A distorção que se manifesta não é arbitrária, sendo possível traçar um caminho que leve ao seu texto latente, ao conteúdo do desejo.

Ao introduzir a distinção entre conteúdo manifesto e conteúdo latente, Freud pôde então anunciar a versão completa de sua fórmula ao final do capítulo 4 da *Traumdeutung*: **“O sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido)”**<sup>16</sup>. Essa distinção vem acompanhada da ideia de uma censura interna, patrulhando as fronteiras entre o que é aceitável e o que é inaceitável. É a censura a responsável pela deformação a que são submetidos os pensamentos latentes pelo trabalho do sonho. Se os pensamentos latentes são censurados é porque esses pensamentos são desejos proibidos. A “censura” é como um órgão de verificação que decide se uma ideia que surge deve ter ou não permissão de chegar à consciência e que exclui implacavelmente qualquer coisa que possa produzir ou reviver um desprazer. Ela opera na passagem de um sistema para outro – entre os sistemas inconsciente e pré-consciente, ou mesmo entre o pré-consciente e o

---

<sup>15</sup> “O termo trabalho é para ser tomado aqui no seu sentido forte, isto é, como designando o processo pela qual uma matéria-prima é transformada em seu produto. Trata-se evidentemente de um trabalho psíquico (ou anímico, se preferirmos) e não de um trabalho físico, mas nem por isso menos transformador da matéria-prima sobre a qual ele se exerce.” (GARCIA-ROZA, L.A., *Introdução à metapsicologia freudiana* 2, p. 82.)

<sup>16</sup> FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 193.

consciente – e tem por efeito o surgimento de lacunas, distorções e apagamentos no texto manifesto – tal como acontece aos jornais em regimes ditatoriais.

“A condição mental necessária de sono é a concentração do ego sobre o desejo de dormir e a retirada da energia psíquica de todos os interesses da vida. Visto que ao mesmo tempo todas as trilhas de aproximação à mortalidade se acham bloqueadas, o ego é também capaz de reduzir o dispêndio [de energia] pelo qual em outras ocasiões mantém as repressões. O impulso inconsciente faz uso desse relaxamento noturno da repressão a fim de abrir seu caminho até a consciência com o sonho. A resistência repressiva do ego, contudo, não é abolida no sono, mas apenas reduzida. Parte dela permanece sob a forma de uma censura de sonhos e proíbe o impulso inconsciente de expressar-se nas formas que apropriadamente assumiria. Em consequência da severidade da censura de sonhos, os pensamentos oníricos latentes são obrigados a se submeter a serem alterados e amaciados a fim de tornarem o significado proibido do sonho irreconhecível. Esta é a explicação da distorção do sonho, que dá conta das características mais surpreendentes do sonho manifesto. Estamos, portanto, justificados em afirmar que um sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido). Ver-se-á agora que os sonhos são interpretados como um sintoma neurótico: são conciliações entre as exigências de um impulso reprimido e a resistência de uma força censora no ego. Visto terem uma origem semelhante, são igualmente inteligíveis e têm igual necessidade de interpretação.”<sup>17</sup>

Ao mesmo tempo em que a distorção é um ato de censura que se volta sobre o desejo dissimulando a sua expressão, é através da distorção que o desejo reprimido encontra uma forma de realizar-se. O chamado “trabalho dos sonhos” é o trabalho de realização do desejo, apesar da censura e através da distorção. E é justamente pelo fato de não se encaixar, de ser uma distorção, que devemos buscar sua causa ou seu sentido.

“Em outras palavras: em princípio, a **distorção (como uma forma de descontinuidade)** pode ser explicada, relacionada às suas causas e, contudo, para além das causas inconscientes de distorção, há também algo mais em ação aqui, algo que nós podemos chamar de **o inconsciente como a causa da distorção, como o acréscimo de distorção sobre o conteúdo ‘verdadeiro’, como uma causa motivada por si mesma.**

É nesse sentido que devemos entender uma tese lacaniana crucial concernente à questão da causa: **‘Il n’y a de cause que de ce qui cloche’** (Lacan, 1973, p. 25). Eis minha tentativa de traduzir essa expressão idiomática dificilmente traduzível: não há senão a causa daquilo que não funciona, ou daquilo que não se encaixa. (...) Poderia-se também dizer: **uma relação causal conecta duas coisas em sua própria cisão. Ela designa a conexão ali onde não estamos lidando com a passagem imediata de uma coisa (ou estado) para outra.**”<sup>18</sup>

<sup>17</sup> FREUD, S. *Um estudo autobiográfico*.

<sup>18</sup> ZUPANCIC, A. “Liberdade e Causa”. In: *Filosofia da psicanálise: autores, diálogos, problemas*, p. 38.

A elaboração onírica permitiu a Freud detectar no funcionamento da mente um **jogo de forças** escondido da nossa percepção consciente, o que o fez pressupor a existência de uma atividade psíquica inconsciente mais abrangente do que a atividade ligada à consciência. Permitiu-lhe também dissecar o aparelho psíquico em diferentes sistemas, ao mostrar que processos inteiramente diferentes dos percebidos na consciência operam no sistema de atividade mental inconsciente.

O restante da *Traumdeutung*, em especial o capítulo 6, dedica-se aos principais mecanismos através dos quais os pensamentos são convertidos em imagens no trabalho do sonho e através dos quais opera-se a distorção: a condensação, o deslocamento, o simbolismo e a consideração à figurabilidade. As descrições desses mecanismos formam as bases para o conhecimento dos processos inconscientes.

A *condensação* é a parte da elaboração onírica mais facilmente reconhecível e apresenta-se por omissão: quer dizer que o sonho não é uma tradução fiel ou uma projeção ponto por ponto dos pensamentos do sonho, mas uma versão altamente incompleta e fragmentária deles. A condensação opera de três maneiras: omitindo determinados elementos dos pensamentos latentes; permitindo que apenas um fragmento do conteúdo latente apareça no sonho manifesto; ou combinando vários elementos do conteúdo latente que possuem algo em comum num único elemento do conteúdo manifesto – assim, uma pessoa num sonho pode representar mais de uma pessoa e possuir características contraditórias. A esses pontos de entrecruzamento de vários pensamentos latentes Freud denomina *pontos nodais*.

O segundo mecanismo do trabalho do sonho, tão importante quanto o anterior, é o *deslocamento*, também efeito da censura onírica. O deslocamento opera de duas maneiras basicamente: pela substituição de um elemento latente por outro mais remoto que funcione como alusão; ou transferindo a ênfase de um elemento importante para outros sem importância. O deslocamento é um método de representação indireta. A tarefa da formação do sonho é, acima de tudo, superar a inibição da censura e precisamente esta tarefa é resolvida pelos deslocamentos de energia psíquica dentro do material dos pensamentos oníricos. Sob a pressão da censura, qualquer espécie de conexão pode ser boa o bastante para servir como substitutivo por alusão, havendo o deslocamento de um elemento a outro. A substituição de associações internas (similaridade, conexão causal etc.) por outras

associações externas (simultaneidade no tempo, contiguidade espacial, similaridade fônica) é um traço peculiar à elaboração onírica.

Os mecanismos de condensação e deslocamento foram reconhecidos por Jacques Lacan, em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, como correlatos de duas figuras fundamentais da linguística: a metonímia e a metáfora. Na condensação, tem-se a substituição de significantes que apresentam entre si uma relação de similaridade, dando origem à metáfora; no deslocamento, pela substituição dos significantes com base na contiguidade, tem-se o equivalente da metonímia. Metáfora e metonímia são responsáveis por uma das características mais importantes da linguagem, que é o seu duplo sentido, o fato de ela querer dizer algo diferente do que diz literalmente.

Esses mecanismos apontados por Freud como responsáveis pelo trabalho do sonho não se restringem apenas aos sonhos, mas são mecanismos fundamentais do inconsciente em geral, podendo ser verificados também nos chistes, nos lapsos, nos esquecimentos de palavras etc. Apesar disso, o sonho possui características distintivas: uma delas, a exigência de colocar em imagens idéias que nem sempre se prestam à figuração.

Durante a vigília, a atividade do pensamento ocorre em conceitos, e não em imagens. Já os sonhos pensam essencialmente por meio de imagens (mas não exclusivamente). Não apenas isso, eles constroem uma situação a partir dessas imagens – eles “dramatizam” uma idéia. Mas, longe de serem meras representações, os sonhos alucinam: atribuímos poder de crença às imagens. Nos sonhos não nos limitamos a pensar, temos experiências mentais verdadeiras e reais do mesmo tipo das que surgem no estado de vigília através dos sentidos.

Se os nossos pensamentos da vigília se originam de imagens sensoriais, cuja matéria-prima são as impressões, a *figuração* consiste no procedimento inverso: na seleção e na transformação de pensamentos do sonho em imagens sensoriais. O trabalho do sonho procede assim regressivamente, abandonando as conquistas adquiridas no caminho progressivo. O que está em jogo é a seleção de quais, ou como, os pensamentos podem ser expressos em imagens. A consequência é um sacrifício das relações lógicas – que são ou simplesmente eliminadas ou são substituídas por relações entre imagens que procuram traduzir, à sua maneira, essas relações lógicas. Assim, por exemplo, para expressar figuradamente um nex

causal, o trabalho do sonho pode fazer com que uma figura do sonho se transforme em outra.

Há ainda mais um fator que participa na formação dos sonhos, a *elaboração secundária*, que corresponderia a um segundo momento da elaboração onírica. A finalidade da elaboração secundária é fazer com que o sonho perca seu aspecto absurdo e pareça uma história coerente e compreensível, aproximando-o do pensamento de vigília. A instância censuradora, além de impor cortes e restrições ao conteúdo onírico, é apontada por Freud como responsável também por acréscimos, cuja função principal é articular partes dispersas do sonho. O sentido que o sonho adquire por efeito da elaboração secundária está, no entanto, bastante afastado do verdadeiro significado do sonho.

A elaboração final que Freud chama de “fachada” do sonho é uma organização sintética que viria só depois de ter se formado o conteúdo onírico. A psicanalista Tania Rivera traz um exemplo muito interessante de um de seus alunos que ajuda a perceber a falácia da constituição do sonho como série de imagens em sucessão.

“Devo a um aluno o seguinte relato: ele dormia em uma cama rente ao chão, ao lado de um beliche. Na cama mais alta encontravam-se alguns livros que de repente caem sobre ele, acordando-o. Logo ao despertar ele se lembra do sonho que estava tendo naquele momento, um longo conjunto de eventos que se passava em uma fazenda e que culminava com um esperado e temido coice de burro (vivido na queda dos livros sobre sua barriga que o despertou).”

É como se o evento que desperta viesse enquadrar em uma narrativa orientada tudo que já teria se apresentado em sonho de forma fulgurante, pulsante, em uma trama não-linear. Todo o sentido do sonho, portanto, só poderia ter se formado *a posteriori*, em uma precipitação retroativa de sentido.

### **2.1.2. O sonho como escritura**

O conteúdo manifesto é uma transcrição dos pensamentos oníricos latentes cuja sintaxe é dada pelo Inconsciente. Trata-se de uma escritura que não obedece a nenhum código anterior a ela própria – mesmo quando usa elementos já codificados da cultura, o sonho submete-os a uma sintaxe própria. “O sonhador inventa sua

própria gramática”<sup>19</sup>, escreve Derrida, não havendo chave fixa para o processo de decifração. Como diz O. Mannoni, o Inconsciente comumente aparece como aquilo de que se fala, quando, na realidade, ele fala à sua maneira, com sua sintaxe particular. Daí a famosa frase de Lacan segundo a qual o inconsciente é “estruturado como uma linguagem”.

O que Freud propõe na *Traumdeutung* é que pensemos o sonho como uma escritura psíquica que não é feita de palavras mas de imagens, e que nem por isso deixa de ser estruturada como uma linguagem – uma linguagem, nesse caso, que expressa os pensamentos latentes sob a forma de uma encenação. As imagens do sonho não tem valor de imagens, isto é, não remetem às coisas das quais as imagens seriam uma representação. As imagens do sonho comportam-se como palavras numa composição pictórica em que os elementos articulam-se em uma gramática própria. Assim, a interpretação não incide sobre o conjunto dos elementos, mas sobre os elementos isoladamente, pois cada um funciona como um significante.

Mas por que considerar o sonho como um texto ou uma escritura, e não simplesmente um conjunto de traços aditivos? Se o sonho manifesto caracteriza-se por uma natureza caótica e sem sentido, por que insistir no caráter estrutural dos sonhos? Os sonhos só são ilógicos se nos colocamos no lugar da lógica consciente. Enquanto produções do inconsciente, revelam uma lógica própria, coerente e plena de muitos sentidos.

Apesar de lidarmos com dois textos psíquicos – os pensamentos latentes e o conteúdo manifesto –, não devemos supor que um seja o texto original e o outro, sua tradução. Não há texto original, um texto primeiro ao qual o sonhador impõe distorções protetoras do significado original. Na série de elementos significantes não há um primeiro termo que seja o significado derradeiro dos demais. O próprio Freud descarta essa ideia quando afirma que o trabalho de interpretação é marcado por um inacabamento essencial e que um dos elementos responsáveis por esse inacabamento é exatamente a ausência desse significante último (ou primeiro) na série significativa. Supor um original é supor um modelo para a série de cópias cada vez mais distorcidas. O que se coloca aqui é a impossibilidade de se estabelecer uma diferença radical entre significante e significado. O efeito de distorção (*Entstellung*) produzido pelo trabalho do sonho é resultado do deslizamento do

---

<sup>19</sup> DERRIDA, J. “Freud e a Cena da Escritura”. In: *A escritura e a diferença*.

significado sob o significante. O caráter distorcido e desconexo do conteúdo manifesto não decorre de um desgaste do material original. O sonho não é deficiente em relação aos pensamentos latentes, mas sua eficiência se faz por caminhos diferentes.

O sonho é uma escritura psíquica cujas imagens não devem ser consideradas em seu valor de imagem, mas sim em seu valor de significante. Ao mesmo tempo, o sonho não é apenas um texto, ele é o texto de uma mensagem cifrada, um enigma em imagens que cabe ao destinatário decifrar. No enigma, verdade e engano são complementares e não excludentes. A verdade fundamental da psicanálise é a verdade do desejo, que se oferece de maneira dissimulada. O inconsciente só comparece distorcidamente, equivocadamente, nos sonhos, nos sintomas e nas lacunas do nosso discurso consciente. O sentido manifesto oculta um outro sentido. E, assim, a psicanálise contitui-se como teoria e prática do deciframento.

### 2.1.3. Sobredeterminação e superinterpretação

Paul Ricoeur, em *De l'interprétation. Essai sur Sigmund Freud* (1965), mostrou como a descrição freudiana da natureza humana fundada nos desejos caminha lado a lado com a necessidade de interpretação: “como um homem de desejos eu avanço mascarado – *larvatus prodeo*”<sup>20</sup>.

Ricoeur explica que não foi por acaso que Freud escolheu a palavra “interpretação” para o seu título. Se o sonho designa toda a região das expressões de duplo sentido, o problema da interpretação designa reciprocamente toda inteligência especialmente voltada às expressões equívocas. A interpretação é a inteligência do duplo sentido.

Para dar coerência e unidade às variadas manifestações do símbolo, Ricoeur define-o mediante uma estrutura semântica comum, a do duplo sentido. **Há símbolo quando a linguagem produz signos de graus compostos onde o sentido não designa apenas uma coisa, mas outro sentido que não se poderia alcançar senão ali, através de seu enfoque e sua intenção. É através do ato de interpretar**

---

<sup>20</sup> “como hombre del deseo avanzo enmascarado – *larvatus prodeo*” (Ricoeur, P. *Freud: una interpretación de la cultura*, p. 10.)

**que o problema do símbolo se inscreve na filosofia da linguagem. A questão, para Ricoeur, está em saber qual é a estrutura comum às diversas manifestações do pensamento simbólico.**

**Assim, precisa-se o lugar da psicanálise na esfera da linguagem: é o lugar dos símbolos, ou do duplo sentido, e o lugar onde se enfrentam/debatem as diversas maneiras de interpretar. Este seria o seu campo hermenêutico: a teoria das regras que presidem uma exegese.**

O sentido de um sonho nunca se esgota em uma única interpretação, e isso se deve a que todo sonho é sobredeterminado, isto é, um mesmo elemento do sonho manifesto pode remeter a séries de pensamentos latentes inteiramente diferentes. O sonho é construído a partir de uma massa de pensamentos oníricos na qual aqueles elementos que possuem articulações mais fortes e numerosas passam a formar o conteúdo onírico. A sobredeterminação não é uma característica apenas dos sonhos, mas de qualquer formação do inconsciente. Estas remetem sempre a uma pluralidade de fatores determinantes, que tornam impossível esgotar seu sentido em uma única explicação.

A sobredeterminação do sonho dá lugar à superinterpretação: um mesmo sonho pode se submeter a diferentes interpretações e, em princípio, a produção de sentido a partir do material onírico é interminável. Funciona da seguinte maneira: uma segunda interpretação sobrepõe-se à primeira e fornece um significado do sonho alternativo àquele que foi proposto pela interpretação original. A superinterpretação não decorre de que a primeira interpretação tenha sido malfeita ou de que o sentido do sonho tenha sido revelado de forma incompleta. Mesmo que a primeira interpretação tenha sido correta, ela se reveste de uma incompletude que lhe é essencial, e isso não porque ela tenha sido incompleta, mas pela natureza sobredeterminada do sonho. E mesmo a interpretação mais completa esbarraria com um lugar de sombras, um ponto do sonho no qual o emaranhado de pensamentos oníricos não pode ser desemaranhado, “este é o umbigo do sonho, o lugar onde ele se assenta no desconhecido.”<sup>21</sup> A rigor, não há interpretação completa. Esse caráter de inacabamento essencial da interpretação não decorre de uma deficiência do método, mas é constitutivo dele. Além do mais, que garantia podemos ter de que o

---

<sup>21</sup> FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*.

material interpretado foi sonhado tal como recordado ou mesmo de que foi sonhado e não construído na vigília?

Freud não nega que, para além da deformação a que são submetidos os pensamentos latentes pela elaboração onírica, o sonho também seja deformado pelo pensamento da vigília (ao que chama de elaboração secundária), o que ele nega é que essa deformação desqualifique a interpretação. O simples fato de a interpretação de um sonho implicar sua transformação de imagens em palavras já resultaria em uma deformação. A deformação decorrente do esquecimento seria, igualmente, apenas mais um caso de transformação sofrida pelo material onírico.

O que Freud defende, e esta é uma tese central de sua teoria dos sonhos, é que as modificações às quais o sonho é submetido não são arbitrárias, mas que obedecem ao determinismo psíquico. Não há nada de arbitrário nas transformações sofridas por um material psíquico. Assim, a transposição do sonho em palavras obedece a um determinismo rigoroso, o que torna possível a interpretação dos sonhos e o trabalho de interpretação psicanalítica em geral.

## 2.2.

### A importância da interpretação dos sonhos para a ampliação do campo da psicanálise: o “onírico em geral” e o “modelo da realização dos desejos”

Em *Um Estudo Autobiográfico* (1925), Freud vem afirmar que desde a publicação da *Traumdeutung* a psicanálise extrapolou o interesse puramente médico.

“Previamente, a psicanálise se interessara apenas em solucionar manifestações patológicas e, a fim de explicá-las, tinha muitas vezes sido impelida a fazer suposições cujo caráter abrangente era inteiramente desproporcional para a importância do material real em consideração. Quando, no entanto, se tratava de sonhos, não estava mais lidando com sintomas patológicos, mas com uma manifestação da vida mental normal que poderia ocorrer em qualquer pessoa sã. Se os sonhos viessem a ser interpretados como sintomas, se sua explanação exigisse as mesmas suposições – a repressão de impulsos, formação substitutiva, formação de conciliação, a divisão do consciente e do inconsciente em vários sistemas psíquicos –, então a psicanálise não seria mais uma ciência auxiliar no campo da psicopatologia, mas antes o ponto de partida de uma ciência nova e mais profunda da mente, que seria igualmente indispensável para a compreensão do normal. Seus postulados e achados poderiam ser levados a outras regiões da ocorrência mental; estava aberto para ela um caminho que conduzia muito longe, até as esferas do interesse universal.”<sup>22</sup>

Na França, foram os homens de letras que primeiro se interessaram pela doutrina do inconsciente. E a história da psicanálise tanto na França quanto na Alemanha está pontuada por numerosas aplicações<sup>23</sup> a departamentos de literatura e estética, à história das religiões e à pré-história, à mitologia, ao folclore, à educação, e assim por diante.<sup>24</sup> De qualquer forma, assinala Freud, foi ele mesmo, em seus próprios escritos, quem começou com esses tipos de aplicações, a fim de “gratificar seus interesses não médicos”.

Para Ricoeur, Freud começa a desenhar os contornos do que poderia denominar-se o “onírico em geral” em *O Escritores e a Fantasia* (1908), quando compara os sonhos com as fantasias e as fantasias com a criação literária, passando

<sup>22</sup> FREUD, S. *Um estudo autobiográfico*.

<sup>23</sup> A expressão “psicanálise aplicada” não é consenso entre os comentadores e teóricos psicanalíticos. Optamos por manter estes termos para sermos fiéis à expressão tal como a encontramos no texto estabelecido pela tradução da edição *standard* brasileira das obras completas de Freud.

<sup>24</sup> No Brasil, a psicanálise foi acolhida primeiramente entre os intelectuais e os artistas, mais especificamente entre representantes do modernismo, tais como Mário e Oswald de Andrade, segundo afirma Denise Maurano. (MAURANO, D. “O barroco e o enigma: uma dimensão da escrita”. In: *Escrita e psicanálise*.)

pela brincadeira infantil. Não é à toa que as fantasias são chamadas de sonhos diurnos “e, de fato, sua investigação poderia ter servido como a melhor e mais curta abordagem à compreensão dos sonhos noturnos”<sup>25</sup>, já comentava Freud na *Traumdeutung*. Os desejos insatisfeitos são o motor das fantasias, e cada fantasia, assim como os sonhos, é a realização de um desejo – desejos egoístas que se dividem em dois grupos principais: ambiciosos ou eróticos. Como os sonhos, as fantasias baseiam-se fortemente nas impressões de experiências infantis e obtêm alguma indulgência da censura nas suas criações. E à maneira como os sonhos noturnos despertam desejos que o sonhador gostaria de ocultar de si mesmo e que foram reprimidos, empurrados para o inconsciente – desejos que só podem ter expressão deformada –, também o “sonhador diurno” não revela completamente suas fantasias, emprestando-lhes um disfarce. Apesar de Freud concluir *Os Escritores e a Fantasia* com a sugestão de que a obra artística permite que o público tenha contato com as suas próprias fantasias proibidas, seu foco está principalmente no texto como uma construção do artista.<sup>26</sup>

Este breve ensaio sem pretensões ilustra a aproximação indireta ao fenômeno estético mediante um gradual emparelhamento: o poeta se assemelha a uma criança que brinca. Pressupondo que o homem não renuncia a nada, apenas troca uma coisa por outra criando substitutos, o adulto, ao invés de brincar, entrega-se à fantasia. A fantasia, enquanto substituto da brincadeira, constitui o sonho diurno, o sonho desperto. O elo intermediário entre a fantasia e a arte poética são as obras artísticas de índole narrativa. Assim se vão desenhando os contornos do “onírico em geral”. – E não é indiferente que a cadeia de analogias passe pelo jogo, aponta Ricoeur. No *Além do princípio do prazer* pode-se distinguir no jogo um domínio da ausência.

<sup>25</sup> FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*, 525.

<sup>26</sup> Outra consideração importante, que já era apontada por Freud em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, publicado no ano anterior, 1907, diz respeito a que o trabalho psíquico da fantasia operaria de maneira similar ao trabalho do sonho na sua relação com o tempo. “Não devemos pensar nos produtos dessa atividade imaginativa, as fantasias, castelos no ar e devaneios, como rígidos e imutáveis. Eles se adaptam às impressões cambiantes que a vida nos traz, alteram-se a cada oscilação na vida, recebem a chamada ‘marca do tempo’ de cada nova impressão eficaz. A relação da fantasia com o tempo é muito significativa. Pode-se dizer que uma fantasia paira entre três tempos – os três momentos de nossa atividade ideativa. O trabalho psíquico parte de uma impressão atual, uma ocasião no presente que foi capaz de despertar um dos grandes desejos do indivíduo, daí retrocede à lembrança de uma vivência anterior, geralmente infantil, na qual aquele desejo era realizado, e cria então uma situação ligada ao futuro, que se mostra como realização daquele desejo – justamente o devaneio ou fantasia, que carrega os traços de sua origem na ocasião e na lembrança. Assim, passado, presente e futuro são perfilados na linha do desejo que os atravessa.” (FREUD, S. *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, pp. 331-332.)

**O tema da distorção, ou do disfarce, é o tema central da *Interpretação dos Sonhos*, segundo assinala Ricoeur. Se o método da *Traumdeutung* não se mostrou ainda equivocado, se ao contrário, foi apenas ampliado e aprofundado, é porque o próprio tema do “disfarce” encontra-se em todos os registros em que as pulsões lancem seus representantes – são “máscaras dos desejos análogas aos sonhos das noites”<sup>27</sup>. Para Ricoeur, a interpretação dos sonhos será um grande rodeio para mostrar o modelo do sonho em sua significação universal.**

*“El sueño es el pórtico real del psicoanálisis. Su valor de modelo le viene de que se revela en él todo lo nocturno del hombre, lo nocturno del día (si puedo expresarme así) tanto como lo nocturno del dormir. El hombre es un ser capaz de realizar sus deseos en forma de disfrazamiento, regresión y simbolización estereotipada. En el hombre y por el hombre el deseo avanza enmascarado. El psicoanálisis vale en la medida en que el arte, la moral y la religión son figuras análogas, variantes de la máscara onírica. La dramática del sueño se generaliza de este modo hasta las dimensiones de una poética universal.”*<sup>28</sup>

A obra de arte será a “primeira figura do noturno em pleno dia”. As fantasias diurnas não apenas estão voltadas para o mundo da noite, como também encaram o mundo público. Para Freud, a arte era a forma não-obsessiva, não-neurótica da satisfação substitutiva; o apelo da criação estética não procede do retorno do reprimido. Qual é, então, o lugar da criação estética para Freud, entre o princípio do prazer e o princípio de realidade? – Essa seria a grande interrogação de seus “pequenos escritos de psicanálise aplicada”, segundo Ricoeur.

*“Puede sin embargo afirmarse que la razón de ser del psicoanálisis no es darse (como resuelta) la diferencia entre la esterilidad onírica y la creatividad artística, sino tratar esa diferencia como una diferencia problemática, en el seno de una única semántica del deseo.”*<sup>29</sup>

**Os procedimentos mediante os quais o trabalho do sonho consegue a distorção do sentido tem uma singularidade que se opõe ao pensamento desperto. E para Ricoeur corresponderá à teoria da cultura a iniciativa de extrair do trabalho dos sonhos um conjunto de estruturas ligadas à função de**

<sup>27</sup> “...máscaras del deseo, análogas a los sueños de nuestras noches.” (Ricoeur, P. *Freud: una interpretación de la cultura*, p. 140.)

<sup>28</sup> Ibidem, p. 140.

<sup>29</sup> Ricoeur, P. *Freud: una interpretación de la cultura*, p. 151.

**“burlar a censura” – que pode ser encontrada formalizada de outros modos para além do sonho, também nos chistes, nos contos, nas lendas e nos mitos. Deslocamento, condensação, figuração, elaboração secundária são processos muito concretos que abrem caminho para analogias estruturais insuspeitas. E talvez também nesse mesmo sentido possa proceder a teoria narrativa, em particular.**

A começar pelo sonho, Freud alcançaria uma série de objetos e fenômenos nunca antes considerados: o lapso freudiano, em *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901); os chistes, em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905) - uma aplicação ao cômico e ao humor das leis do trabalho do sonho; os sonhos diurnos e a fantasia em sua forma pública que é a arte, como já mencionadas aqui; e ainda, Freud atinge um outro domínio com seu modelo de realização de desejos: o ritual religioso.

Se o trabalho profissional de Freud ainda estava focado no sintoma, também estruturado como produto da realização de desejos, o sintoma era agora apenas um membro de uma série extensiva. Assim, a “série do desejo” (*wish-series*), como se refere John Forrester, vai se ampliando: sonho – fantasia – brincadeira infantil – escrita criativa – arte – ritual religioso. A teoria dos desejos de Freud leva-o à razão de ser da estrutura social primitiva. E, para além disso, até a origem da crença na magia.

Ao amadurecer o modelo da realização dos desejos nos sonhos a ponto de encompassar a religião, a magia e o objeto totêmico, a psicanálise aproximou-se de uma antropologia, uma teoria do processo humano de evolução mental. Assim, passou a ter uma influência cada vez maior no campo da cultura – daí os trabalhos posteriores de Freud que lidam diretamente com questões sociais e culturais, como *O futuro de uma ilusão* e *O Mal-estar na civilização*.

A exegese da cultura constitui muito simplesmente uma “aplicação” da psicanálise e uma analogia da interpretação dos sonhos e da neurose. Nesse sentido, o campo da aplicação da psicanálise não conhece fronteiras. Mas seu ângulo de visão está determinado, e limitado, pelo ponto de vista tópico-econômico – o que simultaneamente lhe confere legitimidade. Tudo o que pode ser dito em psicanálise sobre arte, moral e religião está duplamente determinado, em primeiro lugar pelo modelo tópico-econômico estabelecido pela metapsicologia freudiana, e segundo,

pelo exemplo do sonho – primeiro termo de uma série de análogos que vão desde o onírico até o sublime.

A exegese da cultura generaliza o primeiro exemplo do sonho. Aquilo que o sonho oferece à psicanálise aplicada é a estrutura, ou o modelo, que se coloca sob a rubrica da “realização dos desejos” (*Wunscherfüllung*). Neste sentido, a interpretação psicanalítica da cultura é limitada, pois não conhece os fenômenos culturais a não ser na medida em que possam ser considerados como análogos da “realização dos desejos” ilustrada pelo sonho.

Entretanto, essa generalização do modelo onírico não deve ser entendida como sua simples repetição monótona. Sua extensão à vida de vigília representa, ao mesmo tempo, um problema. A fantasia não é o domínio de uma simples realização alucinatória do desejo. Tudo aquilo que dá ao sonho o seu valor de modelo deve despojar-se da particularidade noturna do sonho, a fim de que o sonho venha a significar o onírico em geral. Se a “realização dos desejos” nos sonhos possui valor exemplar, na sua transposição para a vigília deve-se superar o desejo de dormir como o núcleo do sonho irreduzível à transposição. Ou será, pergunta-se Ricoeur, que deveríamos também generalizar o “dormir” como metáfora de um noturno interno às leis do dia?

Assim que os ensaios freudianos sobre arte, moral e religião devem ser considerados ensaios de “psicanálise aplicada” e interpretações puramente analógicas. Porém, uma leitura mais cuidadosa revelará que tal aplicação e transposição, por sua vez, transformaram o próprio modelo formal da econômica e o modelo material do sonho. O ensaio *O Ego e o Id* foi resultado dessa ampliação do campo da psicanálise. No curso desse caminho, a psicanálise extravasa o âmbito do sonho e da neurose e se reaproxima de seu horizonte filosófico inicial.

De acordo com Ricoeur, pode-se entender que a teoria da cultura como “aplicação” da psicanálise provem da primeira tópica, mas que suscita uma nova tópica. A segunda tópica é uma econômica de uma nova índole, que já não coloca em jogo uma série de sistemas em função de uma libido solipsista, mas sim uma série de papéis (*ego, id e superego*), que são os de uma libido na situação de cultura. A libido, agora presa de uma demanda de renúncia, coloca-se em uma nova situação econômica.

Mas ainda assim, diz-nos Ricoeur, não se terá feito justiça à interpretação da cultura relacionando-a apenas com a segunda tópica. É com a pulsão de morte e

a reinterpretação da libido como Eros, frente à morte, que o problema da cultura poderá ser elaborado finalmente como um problema unitário. Nesse sentido, é no ensaio *Além do princípio do prazer* que se deverá buscar a interpretação definitiva. A cultura vai figurar como o teatro de uma luta entre gigantes, Eros e a Morte, e, nesse ponto, a psicanálise se volta da ciência para a filosofia.